

Na janela do tempo com o IBBD e Drummond: passagens, transformações e novos desafios em educação

Anna da Soledade Vieira

Resumo

Ressaltando-se o papel inovador do IBBD na capacitação dos profissionais da informação, através do Curso de Documentação Científica e do Curso de Mestrado em Ciência da Informação, a situação atual e perspectivas da área são discutidas, com ênfase nos ganhos e desafios encontrados no ambiente brasileiro.

Palavras-chave

IBBD; Curso de Pós-Graduação; IBICT; Ciência da Informação; Recursos humanos.

Dedicatória

Aos pioneiros de ontem e de hoje e aos artífices das transformações ocorridas na biblioteconomia brasileira, minha homenagem. Aos companheiros, meu apoio.

CELEBRAÇÕES

"É meio-dia, Luís Maurício, hora belíssima entre todas,
pois, unindo e separando os crepúsculos, à sua luz se consumam as bodas
do vivo com o que já viveu ou vai viver, e a seu puríssimo raio
entre repuxos, os chicos e as palomas confraternizam na Plaza de Mayo."

(Carlos Drummond de Andrade. "A Luís Maurício, Infante". *Fazendeiro do Ar*)

INTRODUÇÃO

Assim como a fundação, em 1954, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, e a criação, em 1956, do seu Curso de Documentação Científica, hoje denominado Curso de Especialização em Documentação e Informação, marcam o início da modernidade – representada pela "documentação" – para a biblioteconomia brasileira, a criação do seu Curso de Mestrado, em 1970, representa um novo ponto de corte histórico para a área, seja da perspectiva teórico-acadêmica, seja do ponto de vista do mercado profissional.

A vertente teórica foi, então, alimentada pela literatura que se injetou via biblioteca do IBBD e pelos consultores estrangeiros trazidos como professores do Curso de Mestrado. Nós, alunos, partilhávamos, com a comunidade internacional, a vanguarda do conhecimento específico. Segundo

o testemunho de Lancaster¹, na década de 70, "o Curso do IBBD tinha a qualidade e o vigor dos melhores cursos das escolas americanas", que, naquele momento, também

enfaticavam o ensino de tecnologias para organização da informação, técnicas de análise do conhecimento registrado e a discussão de teorias de diferentes domínios, no esforço de construir uma disciplina emergente – a ciência da informação.

A teoria assimilada, o convívio instigante com aqueles especialistas estrangeiros e o relacionamento entre colegas (oriundos dos vários Brasis e de outros países da América Latina, provenientes da biblioteconomia, das engenharias e de diversas áreas científicas) foram os ingredientes essenciais para a produção de uma nova geração de profissionais que se lançou na aventura de recriar a área de biblioteconomia/ciência da informação no Brasil. Em 1972, o IBBD lançava a revista *Ciência da Informação*, veículo socializador das novas idéias que se queria ver difundidas no país. Dois momentos importantes se sucedem: a reestruturação do IBBD como IBICT, em 1976, e a associação de sua área acadêmica à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graças a um convênio firmado entre CNPq e UFRJ em 1983.

Se de um lado a cena política brasileira, nos anos 70, era restritiva em função da ditadura militar, de modo contraditório gerou espaço para o desenvolvimento dos sistemas de informação científica e tecnológica e para a criação de novos cursos de pós-graduação em biblioteconomia, dentro da ideologia de "informação para o desenvolvimento nacional", professada, então, pela elite governamental. Quando alguém se dispuser à investigação histórica da área, talvez venha a testemunhar que o IBBD/IBICT e seu curso de mestrado foram o principal pólo difusor do saber novo e posturas modernas que desencadearam, no Brasil, a introdução das novas tecnologias em unidades de informação e a criação dos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) em biblioteconomia/ciência da informação que se seguiram a partir de 1976.

Vinte e cinco anos se passaram e somos testemunhas e atores do processo transformador da área como um todo. As ações pioneiras para introdução das novas tecnologias de informação no país – *Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas* (CCN) em microfichas, desenvolvimento do formato Calco, bibliografias especializadas nacionais computadorizadas, internação de bases de dados estrangeiras e desenvolvimento de bases de dados nacionais – culminaram nas redes de informação especializada e na comunhão global de dados e mensagens via Internet, hoje viabilizada ao público brasileiro pela Rede Nacional de Pesquisa (RNP) e outros intermediários comerciais. A informação explode dos limites da biblioteca e do domínio do bibliotecário para se tornar um bem comum massificado e administrado diretamente pelo usuário, a partir de sua residência ou local de trabalho.

Nesse contexto, os agentes formadores dos profissionais da informação foram também desafiados, e vimos, ao longo desse tempo, a linha única de capacitação (em nível de graduação) de bibliotecários generalistas, voltados para o trato exclusivo de bibliotecas, diversificar-se na preparação de agentes de informação tecnológica, de analistas de sistemas de informação, de animadores culturais, de gerentes de recursos informacionais e de administradores de redes e sistemas de informação, pelos cursos de especialização e mestrado (da área e de áreas afins) e o desenvolvimento de pesquisadores pelos programas de doutorado.

Dentre todas as iniciativas registradas no setor educacional, igualmente valiosas para a área, permito-me ressaltar o Curso de Informação Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Curso de Gerência de Recursos Informacionais da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pelo conhecimento interdisciplinar novo (produzido ou disseminado), pelo impacto causado na profissão, via fertilização cruzada, e pela indicação de novos horizontes teóricos e mercadológicos para a área. Embora interrompidos pelas respectivas instituições, a despeito da alta demanda de mercado, ambos deverão certamente ser lembrados, no futuro, como marcos de

seu tempo, junto ao CDC e, guardados os limites dos respectivos níveis, ao lado também do Curso de Mestrado do IBBD.

Outro ganho da área, no período, foi a mudança qualitativa para uma composição multidisciplinar do mercado de trabalho do setor, apesar da permanência de alguns bolsões tradicionais de resistência à participação de cientistas e tecnólogos na prestação de serviços especializados de informação. A caminho da maturidade das profissões de informação, aprendemos uns com os outros e, como resultado, os usuários vêm recebendo um produto informacional de mais alto valor agregado que no passado, quando trabalhávamos isoladamente. Essa mudança qualitativa de mercado é também uma construção progressiva e coletiva, iniciada pelos cursos do IBBD (CDC e mestrado) e continuada pelos demais cursos de pós-graduação.

DESAFIOS

*"Com a chave na mão
quer abrir a porta (...)
José, e agora?"*
(Carlos Drummond de Andrade.
"José". *José*)

Ao lado das celebrações, as reflexões, pois o momento é de grandes desafios. A carência crônica de recursos desatualiza o acervo (gráfico e digital) das bibliotecas e retarda a viabilização tecnológica da maioria das agências de informação e de educação, para o acesso remoto das mesmas à informação disponível em redes eletrônicas.

Nas universidades públicas, o grande esvaziamento ocorrido a partir de 1990 pelas aposentadorias em massa e não compensado devido à ausência de sofisticação tecnológica para atrair pesquisadores igualmente qualificados e experientes, ou de salários para competir com aqueles oferecidos pelas empresas (privadas e públicas) ou pelos poderes legislativo e judiciário representa, em curto prazo, ameaça à qualidade do ensino de biblioteconomia/ciência da informação e à evolução da profissão no país.

Com base na consolidação dos cursos de pós-graduação do país e justificado na restrição de recursos, o fluxo internacional intenso nos anos 70 e 80 – brasileiros se atualizando no exterior e profissionais estrangeiros trazendo sua colaboração ao país – diminuiu consideravelmente na presente década, com riscos reducionistas representados por desatualização, provincialismo, perspectiva míope da área e perda de referenciais críticos. Renovar valores, intensificar o diálogo além das fronteiras geográficas e disciplinares e ampliar o campo de percepção da área são condições necessárias (embora não suficientes) à qualidade da educação de profissionais da informação.

Movidos por uma louvável preocupação de engajamento político-social às questões nacionais e ansiosos por representarem as tendências teóricas da área em seus currículos, infelizmente os cursos de pós-graduação têm se homogeneizado no que se refere à filosofia e áreas de concentração, deixando de oferecer como opção para os candidatos a desejável e salutar diversidade característica da área, quando vista da perspectiva pluralística da ciência (ou ciências) da informação.

Comparativamente à *performance* dos cursos de pós-graduação, já considerados consolidados², a graduação em biblioteconomia parece receber candidatos fracos e, ao final, devolver à sociedade profissionais convencionais, ainda tímidos, sem a autoconfiança, ou o necessário conhecimento para se lançarem no setor quaternário e incapazes de equacionar seu saber profissional básico com as oportunidades alternativas do mercado emergente, que estão aí para serem conquistadas pelos mais competitivos de qualquer área (e não apenas por bibliotecários).

A própria tecnologia que veio facilitar e melhorar a qualidade da prestação dos serviços de informação é também um complicador para a área: até quando biblioteca e bibliotecário serão demandados como intermediários físico-operacionais (isto é, puros coletadores e/ou transportadores de documentos e dados) pelos usuários, pois estes podem hoje acessar diretamente e *on-line*, através das inúmeras redes existentes, a informação crua (dados, arquivos, textos, ferramentas) e até obter consultoria/ tutoria de especialistas para utilização das novas tecnologias e melhor assimilação de informações? Por outro lado, quantos profissionais temos hoje preparados para o tratamento eletrônico da informação, para a orientação do usuário na navegação eficaz das redes e para a análise e decodificação dos conteúdos de informação? Essas questões, associadas à discussão de novas propostas de atuação dos profissionais e de modelos de educação dos mesmos, têm sido amplamente discutida na literatura^{3, 4 e 5}, mostrando que tal inquietação é partilhada por ricos e pobres e que, como desafio nuclear à profissão, exige que se reflita sobre as experiências próprias e alheias.

INSUMOS PARA REFLEXÕES E TRANSFORMAÇÕES

*"Não, não gostaria de predizer o fim do mundo,
com sete taças de ouro, repletas da ira de Deus
despejando-se sobre a Terra.
Quero ver o mundo começar
a cada 1° de janeiro
como o jardim começa no areal
pela imaginação do jardineiro."*

(Carlos Drummond de Andrade. "Visões".
Versiprosa)

Malinconico³ estende a bibliotecários e educadores igual ironia, desafiando sua existência futura como mediadores de serviços convencionais de informação. Lancaster⁴ expõe sua crença na sobrevivência do bibliotecário para além do desaparecimento da biblioteca, por entender que os leigos necessitarão ainda mais de guias e intérpretes diante da enorme variedade de fontes e recursos eletrônicos. Figueiredo e Lima⁵ analisam as mudanças ocorridas na área em resposta às inovações tecnológicas e discutem as reformas curriculares efetuadas no exterior e no Brasil.

Diante do mesmo desafio colocado pelas mudanças, Cronin antevê um mundo novo, cheio de oportunidades para profissionais da informação no setor quaternário, ao mesmo tempo em que percebe como fortemente ameaçadas as funções tradicionais do bibliotecário e o espaço para escolas de biblioteconomia⁶. Revendo posteriormente o tema do mercado emergente, o autor sintetiza o campo de trabalho para profissionais da informação em três níveis: tradicional (*heartland*: trabalho na biblioteca, como bibliotecário), áreas menos exploradas (*hinterland*: trabalho com informação no mundo das bibliotecas virtuais, como especialista em *marketing* da informação, coordenador de bases de dados, gerente de informação etc.) e área de fronteira tecnológica (*horizon*: trabalho em ambientes tecnológicos, como engenheiro de *software* e *hardware*, gerente de telecomunicações etc.). Conclui com duas sugestões. A primeira delas, para que os profissionais da informação se guiem pelas necessidades dos clientes e mercado em geral, cortando seu viés e dependência aos sistemas baseados em papel. A segunda sugestão de Cronin é para que os educadores formem empreendedores capacitados para competir no mercado emergente⁷.

Large⁸, a partir de revisão de literatura, apresenta um cenário otimista e outro pessimista, vistos pelo autor como convergentes para a ênfase no papel central da tecnologia nas "bibliotecas sem paredes" e no ensino de biblioteconomia. Segundo o autor, os programas educacionais da área

deverão priorizar o desenvolvimento de habilidades no manuseio de informação e desenho de sistemas em quaisquer ambientes (e não somente em bibliotecas).

Sineath⁹ é radical ao prognosticar o desaparecimento de escolas de biblioteconomia/ciência da informação que preparem profissionais unicamente para bibliotecas, por melhor que seja seu currículo para aquele objetivo.

Clausen¹⁰, em dois artigos sucessivos, enfoca a nova cena profissional, a velocidade com que as mudanças na área continuam ocorrendo, os novos papéis a serem desempenhados, antevendo que as barreiras entre bibliotecários e outros profissionais da informação deverão cair, graças à educação notadamente interdisciplinar que receberão.

Lester¹¹ analisa as mudanças no macroambiente americano e no ambiente da informação para, então, discutir uma nova definição de papéis profissionais como o componente crítico da educação nos anos 90. Propõe um "novo tipo de socialização da profissão" caracterizado pelo desenho de sistemas customizados, pela assistência pessoal ao usuário, pela atuação do profissional como filtro para avaliar e ajudar o usuário na interpretação da informação e como consultor para facilitar o uso e maximizar o aproveitamento da informação. Às escolas, recomenda interdisciplinaridade, flexibilidade, adaptabilidade, tolerância com a ambigüidade e administração da diversidade.

Essa visão social dos novos papéis do profissional da informação foi também discutida por Dosa¹², que os caracteriza especialmente pela transdisciplinaridade, destacando cinco dentre eles: gerência de recursos informacionais, aconselhamento de informação, utilização de pesquisa, organização de redes sociais e disseminação de informações públicas.

Koenig¹³ discute o impacto causado pelas novas tecnologias, levando à convergência de domínios profissionais e conseqüente eliminação das fronteiras entre biblioteconomia, ciência da informação, computação, jornalismo, comunicação e outras áreas. Para o autor, a transformação mais profunda, operada a partir de tal processo de mudança, é a "reversão de polaridade" do setor de informação: a profissão deve mudar sua orientação de serviço para outra mais empresarial e voltada para a economia de mercado. Os programas de ensino deverão ser interdepartamentais, com currículos interdisciplinares que priorizem as necessidades empresariais e demandas da indústria da informação. Esforço cooperativo é também a tônica do simpósio "Educating the Future Information Professional"¹⁴, que propõe alianças internas dos órgãos universitários e entre universidade e empresa (empregadores).

O trabalho de cooperação internacional permite a Cronin¹⁵ uma apreciação dos diferentes estágios de desenvolvimento em que se encontra a educação dos profissionais da informação, concluindo que, no momento, a demanda por cursos de biblioteconomia é ainda crescente nos países menos desenvolvidos, enquanto decresce dramaticamente na Europa Ocidental e principalmente nos Estados Unidos, chegando ao fechamento de um número significativo de escolas neste último país. Prevê como característica da década a grande interdependência das escolas de biblioteconomia/ciência da informação e a formação de alianças estratégicas internacionais para partilhamento de recursos (professores, material didático, tecnologia) e idéias, em bases de saudável reciprocidade (e não mais de dependência) entre Norte e Sul.

Partindo igualmente de sua experiência internacional, Lancaster¹⁶ é pessimista em relação à biblioteconomia nas nações menos desenvolvidas, tendo uma visão imobilista da educação de bibliotecários nestes países: para o autor, instituições, programas e recursos educacionais devem continuar deficientes como sempre foram... Ao contrário, Havard-Williams¹⁷ é otimista e, especificamente em relação à África, propõe uma "educação apropriada" (sinônima de adequada e complexa, e não de "segunda classe") para os profissionais da informação, educação essa que teria um amplo escopo, capaz de abranger desde os meios de combate ao analfabetismo até a utilização das novas tecnologias em benefício do desenvolvimento. Ao

invés de condenar os países menos desenvolvidos à permanência no submundo da pobreza e desinformação, Havard-Williams¹⁷ identifica a educação para biblioteconomia/ciência da informação como elemento de mediação transformadora, propondo a combinação criativa e crítica da cultura autóctone com a tecnologia importada.

Baseado em seu próprio conhecimento das realidades do Primeiro e Terceiro Mundos e apoiado em revisão sintética do tema a partir da década de 40, já em 1978, Saracevic¹⁸ via a evolução da educação em ciência da informação ocorrendo de forma desordenada e propunha estudo do setor associado a amplo debate que envolvesse ensino, pesquisa e prática profissional, com a participação de todos os segmentos da área, sem distinções geopolíticas.

O olhar retrospectivo, constituído por este recorte ora registrado, permitenos ver conjuntamente e, em perspectiva crítica pretérita e presente da educação em biblioteconomia/ciência da informação no Brasil, perceber que muito foi construído no país e que temos lideranças locais capazes de construir um futuro singular, combinando tradição e vanguarda, na medida das necessidades de nossa sociedade, no limiar do Terceiro Milênio. A atuação pioneira do IBBD/IBICT – aqui enfocada em comemoração aos 25 anos de seu setor de pós-graduação – é exemplar desse potencial transformador.

Não tivemos pretensão de resolver contradições ou apresentar respostas, mas – como propõe Damisch¹⁹ – registrar criticamente os fragmentos, "integrando-os na sua ordem e dimensão próprias: as de uma história cuja unidade é sempre problemática e que só faz sentido se juntarmos as múltiplas histórias de que é tecida e fizermos surgir, no entrelaçamento destas, um texto que se preste a leituras sempre renovadas." O campo é vasto, o trabalho é árduo e cotidiano, demandando esforço individual integrado coletivamente. É tempo de investigação, debate e alianças estratégicas, com vistas à construção, diversificação e *marketing*, se não quisermos os riscos de ostracismo para a área e os de fechamento vividos pelas escolas americanas.

CONCLUSÃO

*"Para ganhar um ano-novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre."*

(Carlos Drummond de Andrade. "Receita de Ano Novo". *Discurso de Primavera*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. LANCASTER, F.W. Entrevista concedida à autora em 1987, em Champaign, Ill. (EUA)
2. MUELLER, S.M.P. *Avaliação do estado da arte da formação em biblioteconomia e ciência da informação*. Brasília: IBICT, 1988, p.14.
3. MALINCONICO, M. What librarians need to know to survive in an age of technology. *Journal of Education for Library and Information Science*, n.33, p. 226-27, 232-33, Summer 1992.
4. LANCASTER, F.W. *Information professionals in the information age; the Sixth Bertha Bassam Lecture in Librarianship*. Toronto: Library Science Alumni Ass., University of Toronto, Oct. 1982, p. 12-13.

5. FIGUEIREDO, N.M., LIMA, R.C.M. Desen-volvimento profissional e inovações tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 15, n. 1, p. 47-67, mar. 1986.
6. CRONIN, B. Post-industrial society: some manpower issues for the library/information profession. *Journal of Information Science*, n.7, p. 13-14, 1983.
7. CRONIN, B. et al. The emergent market for information professionals: educational opportunities and implications. *Library Trends*, v.42, n.2, p. 258-274, Fall 1993.
8. LARGE, A. Information technology and education for library and information studies: the challenge. *Canadian Journal of Information and Library Science*, v.18, n.1, p. 23-33, 1993.
9. SINEATH, T.W. Information science in the curriculum. *Journal of Library Administration*, v.16, n.1/2, p. 63, 1992.
10. CLAUSEN, H. The future information professional: old wine in new bottles? Part one. *Libri*, v.40, n.4, p.265-77, 1990.
_____. _____. Part two. *Libri*, v.41, n.1, p. 22-36, 1991.
11. LESTER, J. Education in response to change. *Journal of Library Administration*, v.18, n. 3/4, p. 39-54, 1993.
12. DOSA, M.L. Education for new professional roles in the information society. *Education for Information*, n. 3, p. 203-217, 1987.
13. KOENIG, M.E.D. Educational requirements for a library - oriented career in information management. *Library Trends*, v. 42, n. 2, p. 277-289, Fall 1993.
14. BEARMAN, T.C. (ed.) Educating the future information professional. *Library Hi Tech*, v. 5, n. 2, p. 27-40, Summer 1987.
15. CRONIN, B. Information science in the international arena: an educator's perspective. *Aslib Proceedings*, v. 44, n. 4, p. 195-202, Apr. 1992.
16. LANCASTER, F.W. The curriculum of information science in developed and developing countries. *Libri*, v.44, n.3, p.201-205, Sept. 1994.
17. HAVARD-WILLIAMS, P. Appopriate education for library and information science. *Libri*, v. 44, n. 1, p. 14-27, Mar.1994.
18. SARACEVIC, T. Educação em Ciência da Informação na década de 1980. *Ciência da Informação*, v. 7, n. 1, p. 3-12, 1978.
19. DAMISCH, H. Um método. In: LE GOFF, J. et al. (ed.) *A nova história*; dicionário. Coimbra: Almedina, p. 77, 1978.

In the window of time with IBBD and Drummond: passages, transformations and new challenges in education

Abstract

Having the main focus on IBBD as innovator and pioneer in education for information science in Brazil, through both its Specialization Program on Scientific Documentation and its Master Program on Information Science, the area is discussed in retrospect and prospect, with emphasis on passed gains and challenges at the Brazilian scene.

Keywords

IBBD; Graduate study course; IBICT; Information science; Human resources.

Anna da Soledade Vieira

Consultora em gestão da informação e educação para ciência da informação.
Rua Caraça 977 ap. 501
30220-260 Belo Horizonte - MG
Telefax: (031) 225-8024